

TERRA E MEMÓRIAS: A DOCUMENTAÇÃO DAS CASAS DE TAIPA DE MÃO DO SERTÃO CEARENSE

Stephane de Sousa e Silva Maia¹; Daniele Baltz da Fonseca²

¹Mestranda em Memória Social e Patrimônio Cultural UFPEL – stephanearq@gmail.com

²Programa de Pós Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural – UFPEL –
daniele_bf@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

“A arquitetura popular, de forma genérica, não faz parte do imaginário dos arquitetos”, com essa assertiva Günter Weimer (2012), traz uma realidade bastante presente na academia e nos cursos de arquitetura e urbanismo espalhados pelo país e nas políticas de salvaguarda de saberes e fazeres no que se refere a arquitetura, a ausência de aprofundamentos sobre as manifestações arquitetônicas populares. Isso põe em jogo a representatividade de grupos que possam vir a compor um quadro de identidade nacional plural, perpetuando silenciamentos.

Dentro dessa faceta, podemos enquadrar as construções em terra, e aqui de forma específica a construção das casas de taipa de mão, presente na região do Sertão Central Cearense¹, assim como outras regiões do Brasil, como componente desse quadro amplo de que é a arquitetura popular. As construções em terra estão presentes na história das civilizações da antiguidade, assim como fazem parte da história do Brasil, sendo o material de construção mais importante durante quatro quintos da história da humanidade (WEIMER, 2012). Não é de se estranhar que a terra faça parte do processo de formação do território brasileiro, tendo em vista que todas as culturas componentes, dominavam técnicas construtivas que utilizam a terra, ou outros materiais disponíveis da natureza, como matéria-prima (PISANI, 2004).

É bastante expressiva a quantidade de construções em terra encontradas em vários estados do país, adquirindo características próprias de acordo com a região em que se estabeleceu. No Brasil a terra permaneceu e se desenvolveu quando e onde sua utilização se adaptou pela experiência com o solo e clima (NITO, 2015). A terra como material de construção apresenta diferentes técnicas para sua utilização de acordo com o tipo que é oferecido pelo ambiente (CORREIA, 2006).

Dentre as técnicas mais representativas da arquitetura de terra, as mais utilizadas no Brasil foram a taipa de mão e sapapo. Os materiais empregados são utilizados de acordo com o que está disponível no meio ambiente. Atualmente essas técnicas se encontram em desuso, por isso se torna cada vez mais importante o seu registro (SILVA, et al., 2013). Como dito anteriormente, a casa de taipa foi mais umas das formas de construir usando terra que se espalhou pelo país assumindo características distintas, atualmente, quando se pensa em casas de taipa, costuma-se espacializar a presença da maioria no interior do Brasil, em áreas rurais e sempre relacionado à habitações populares (NITO, 2015).

Diante do exposto até aqui, pode-se perceber que as construções em taipa se desenvolveram sob diferentes circunstâncias ao longo do território brasileiro e

¹ O Sertão Central, constitui uma dessas macrorregiões, composta pelos municípios: Choró, Ibaretama, Ibicuitinga, Quixadá, - Microrregião I - Banabuiú, Quixeramobim – Microrregião II - Deputado Irapuã Pinheiro, Milhã, Senador Pompeu, Solonópole – Microrregião III – e Mombaça, Pedra Branca e Piquet Carneiro – Microrregião IV (Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2010).

não apenas no nordeste, sejam por fatores climáticos ou histórico-sociais. Embora sua produção esteja cercada pelo estereótipo de pobreza e baixos níveis de salubridade, constitui uma técnica popular, e como tal, é passível de estudos aprofundados e documentação.

Aqui pretende-se tratar das casas de taipa de mão, associada diretamente a técnica de pau-a-pique. Essas são as técnicas construtivas comumente encontradas na região nordeste. As duas estão associadas pois uma complementa a outra; a de pau-a-pique consiste em tomar galhos de madeira, os mais retos possíveis, que numa extremidade são fincados no chão, e na outra recebem um suporte horizontal, que receberá a coberta posteriormente (WEIMER, 2012). Já a taipa de mão, que utiliza a terra encontrada no meio, serve como material de vedação, para fechar as arestas de trama de madeira. A execução consiste em amassar o barro com as mãos ou pés até adquirir certa consistência e ser pressionado nas frestas de madeira com as mãos (WEIMER, 2012).

Para as condições ambientais tão áridas do nordeste brasileiro, o uso da terra como material de construção pode ser visto como uma alternativa bastante viável e proveitosa para os moradores, já que suas características se adequam ao meio, dentre elas a capacidade de regulação de umidade e armazenamento de calor – armazena calor durante o dia e perde-o quando a temperatura externa está mais baixa (PISANI, 2004).

A partir disso, a presente pesquisa, submetida este ano no Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio cultural, tem por objetivo principal a documentação das casas de taipa de mão, presentes no município de Quixadá/CE, a partir do seu saber fazer, como forma de reconhecimento e valorização desse tipo de arquitetura que se caracteriza como popular.

2. METODOLOGIA

A presente proposta de pesquisa se configura de caráter qualiquantitativo, pois visa estudar um universo de casas de taipa de mão em Quixadá-CE, através também da percepção das particularidades da área de pesquisa, as diferenças entre o mundo social e o natural e a interação entre os objetivos (SILVEIRA E CÓRDOVA, 2009). Pelo caráter dos objetivos geral e específicos, caracteriza-se como um estudo exploratório, pois busca dar visibilidade e reconhecimento ao tema – as casas de taipa - no que se refere a sua área de estudo, que é o sertão do Ceará. Em razão disso, se faz necessário técnicas de coletas de dados para efetivação dos objetivos.

Portanto, pretende-se realizar em primeiro momento uma revisão sistemática, a fim de aprofundar os conhecimentos sobre o objeto de pesquisa e o campo. Em segundo momento, pretende-se realizar pesquisa de campo, aproximando-se das localidades em que se fazem presentes o maior número de casas de taipa, ou seja, as áreas mais afastadas do centro de Quixadá e terá o objetivo mapear minimamente a distribuição dessas construções no município em estudo.

Após a análise macro, pretende-se analisar os aspectos arquitetônicos das casas de taipas encontradas. As ferramentas utilizadas serão o 1) levantamento fotográfico da casa e do proprietário para fins de catalogação; 2) levantamento arquitetônico sempre que possível, para identificação de particularidades dessas construções; 3) análise do entorno da construção; e 4) entrevista semiestruturada os mestres construtores e moradores, a fim de entender aspectos da construção,

do saber fazer, das condições de vida nas casas de taipa, e os processos sociais e culturais envolvidos na sua construção.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da revisão sistemática sobre os temas importantes para a construção do referencial de pesquisa, principalmente no que diz respeito a memória e patrimônio, percebeu-se a importância que se tem do aprofundamento de questões que envolvem o saber fazer, a imaterialidade do objeto e as relações tanto com o meio como com as pessoas que ali habitam.

Também foi possível perceber a escassez de bibliografia referente a própria história de formação da cidade de Quixadá e mais ainda em relação ao mapeamento do município em questão, que não conta com dados concretos sobre as áreas rurais, onde os exemplares arquitetônicos estão dispostos em maior número, dificultando a elaboração de um panorama geral dessas construções. Diante disso, a pesquisa se encontra em análise de possíveis mudanças quanto a delimitação de uma área minimamente mapeada ou que já tenha sido estudada anteriormente, no que se refere a cartografia, a fim de facilitar essas aproximações de campo.

4. CONCLUSÕES

Diante o exposto até aqui, há que se reiterar a carência de estudos aprofundados sobre a arquitetura popular, não apenas das casas de taipa de mão em si, objeto de estudo da presente pesquisa, mas das manifestações arquitetônicas populares de modo geral, que na maioria das vezes não chegam a ser identificadas como tal, muito menos catalogadas e/ou documentadas, seja em seus aspectos físicos como materiais e métodos de construção, seja pelos aspectos imateriais, como a transmissão do saber fazer, da relação com o ambiente no qual está inserido e a própria relação dos moradores com as casas.

Portanto a presente pesquisa se torna relevante e pertinente no que tange a visibilidade para a temática, abrindo caminhos e possibilidades para que outros pesquisadores possam se apropriar para desenvolverem novas pesquisas sobre outros tipos de arquitetura popular. Também vale ressaltar a importância para a valorização dessas casas por parte dos próprios moradores.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Agrário. **Plano Territorial de Desenvolvimento Rural Sustentável: Território Cidadania do Sertão Central** – MDA/SDT/UNITACE. Fortaleza: Instituto Agropolos do Ceará, v.1, 2010.

CORREIA, Mariana. **Universalidade e Diversidade da Arquitectura de Terra**. In: Anais da 10ª Mesa Redonda de Primavera, Terra: Forma de Construir. p. 12-18. 2006. Acessado em 02 de janeiro de 2019. Disponível em: <<http://www.aldeia.org/portal/user/documentos/mcorreia.pdf>>.

NITO, Mariana Kimie da Silva. **Sistemas Construtivos em terra crua: panorama da América Latina nos últimos 30 anos e suas referências técnicas históricas**. Revista Cadernos de pesquisa da escola da cidade, São Paulo, n.1, 2015.

PISANI, Maria Augusta J. **Taipas: a arquitetura de terra**. Revista Sinergia, São Paulo, v.5, n. 1, p. 09-15, jan./jun. 2004.

SILVA, Maria Angélica da. ALCIDES, Melissa Mota; JARDIM, Alice Mesquita. **A casa de taipa no litoral sul de Alagoas: registros escritos e visuais**. In: Revista Digital, n. 1, p.88-94, 2013.

SILVEIRA, Denise Tolve; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. **A pesquisa científica**. In: Métodos de pesquisa. (Org) Tatiana Engel Gerhardt e Denise Tolve Silveira. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

WEIMER, Günter. **Arquitetura Popular Brasileira**. São Paulo. 2ª Edição. Editora WMF Martins Fontes. 2012.